

COLECÇÃO • FILOSOFIA E ENSAIOS

MEMÓRIAS
DE UM
LETRADO

DE
ÁLVARO RIBEIRO



GUIMARÃES & C.^ª • EDITORES

Shi

fábulas morais. As indumentárias profissionais, por vezes tão significativas, também prestam configuração zoológica aos homens que as vestem ou revestem. Nesta imagética Leonardo Coimbra construía a apreciação dos seus contemporâneos mais evidentes no professorado, na política e na literatura, quando se propunha tornar mais alegre, ou mais amena, a conversação interrompida por pessoas menos inteligentes.

A doença profunda que começava a roer a alma de Leonardo Coimbra tinha por sintomas a lentidão melancólica no andamento da conversa e a desvalorização progressiva das intenções culturais: ensinar, escrever, publicar. Nós, últimos alunos da Faculdade de Letras, notávamos que o Mestre já não dava as suas lições com o entusiasmo fogoso dos primeiros anos de docência, mas exprimia os resultados de uma meditação fria sobre a crise intelectual e moral da filosofia dominante na Europa. Fora das aulas, Leonardo Coimbra continuava a ser o comentador atento às produções literárias das gerações mais novas, nomeadamente ao grupo da *presença*.

A liberdade do orador, do conferencista, do professor, era então ameaçada pela presença dos representantes da autoridade militar nas assembleias públicas, e a liberdade do publicista era limitada pelos executantes da censura prévia à imprensa. Travada a expressão verbal do pensamento criacionista, a reflexão convida à autognose, exalta o mistério e aconselha o misticismo, factores que estiveram na origem de uma permutação profunda na alma do pensador.. A partir de 1931, Leonardo Coimbra foi perdendo os seus melhores conviventes de tertúlia, os antigos colegas e os antigos alunos, chamados estes a exercerem as suas actividades profissionais fora da cidade do Porto.

A «Renascença Portuguesa», renascida das cin-

zas, que durante dez anos havia sido a imagem do seu fogo animador da República, perdia a colaboração da Faculdade de Letras, entrava em sério declínio e a própria revista *A Águia* alterou a sua mensagem artística, política e filosófica. O novo decénio mostrava-se significativamente hostil ao nacionalismo teórico dos decénios antecedentes. A palavra República já nada dizia às novas gerações, porque dissociada da noção de Pátria.

Leonardo Coimbra desinteressou-se da direcção de *A Águia* que tão brilhante havia sido na terceira série, e a revista deixou de ser fiel ao idealismo criacionista na ciência, na arte e na religião. A colaboração de escritores presencistas e de políticos seareiros permitia mostrar que a Renascença Portuguesa se manifestava aberta às correntes internacionalistas dos novos tempos, sedentos de justiça social. Uma crise dos valores noéticos, éticos e estéticos vulnerava mortalmente as novas mentalidades.

A Renascença Portuguesa chegou a editar um modesto quinzenário que pretendeu exprimir as relações da nova cultura com a nova política. A essa revista efémera foi dado o significativo título de «Princípio», na qual a esquecida palavra «República» era substituída pela palavra «Democracia», termo de incerteza semântica nas discussões dos políticos de tendências várias e contraditórias. No quarto e último número deste periódico, visado pela censura militar, ainda foi inserto um esperançoso anúncio do boletim francês da «Sociedade das Relações Culturais entre a U. R. S. S. e o Estrangeiro». (1)

Leonardo Coimbra absteve-se de dar a colaboração prometida ao novo periódico de renovação

(1) PRINCÍPIO — *Publicação de cultura e política* — Maio a Julho de 1930 — Edição da Renascença Portuguesa. Direcção de Álvaro Ribeiro, Casais Monteiro e Maia Pinto.

democrática. Não concordava com os tópicos de uma doutrina extremista, assimilada facilmente por adolescentes sem experiência política. Amenamente fazia a crítica de alguns artigos que considerava teoricamente adversos à distinção entre o Mal e o Bem, polos recíprocos da liberdade e da justiça.

Mestre do rigor linguístico que condiciona a retórica e a dialéctica, observava que as palavras «democrata» e «democrático», por demais usadas, haviam recebido muitas acepções favoráveis e desfavoráveis, algumas das quais contrárias e contraditórias, pelo que não poderiam servir de predicados certos para pessoas morais e actos jurídicos. O adjectivo *democrático* significava apenas «o que é ditado pela maioria», fórmula algébrica ou literal para muitos valores numéricos ou algorítmicos. Deste modo a razão abdica perante a vontade, e a quantidade sobrepõe-se à qualidade.

Já então a palavra «Democracia», destituída de definição exacta que lhe pudesse ser dada em direito constitucional, dividia-se e dissolvia-se nas brumas de um pensamento hesitante, impotente e infecundo. A democracia que era apenas um sistema caracterizado pelo método eleitoral para a vitória das maiorias, contradizia a razão experimental ou a razão social do criacionismo, pelo que não poderia ser solidária, como em alguns tempos foi, de um ideal filosófico, transcendente e transformador da Humanidade. Definir a maioria, ou concretizá-la, é já um problema que nem sempre o sociólogo é capaz de resolver.

A democracia sindical, corporativa ou orgânica, decalcada sobre a classificação nacional das profissões activas, nunca seria o regime representativo do Povo anónimo, romântico e religioso que só em momentos excepcionais, como o da Revolução Francesa, ascende ao trono iluminado da História. Uma classe média, modesta, instruída, ocuparia sempre

o espaço aristocrático que lhe é tecnicamente designado em qualquer constituição política. Firmado nestas premissas, Leonardo Coimbra defendia conclusões contrárias às ideologias socialistas que começavam a ser tanto mais dominantes quanto mais se exaltavam as virtudes do Estado Novo, ou simplesmente, do Estado. (1)

Já se falava muito de comunismo, do seu alastramento pela Europa Central, da sua divulgação jornalística, partidária e política. Os velhos republicanos, fiéis à economia clássica e defensores do liberalismo, dificilmente entendiam as teses do novo democratismo. Entre as novas gerações, cansadas de esperar pelas promessas dos partidos republicanos, começava a surgir curiosidade intelectual por uma doutrina alemã que, cobrindo as motivações mais profundas da ansiedade do povo, parecia aperfeiçoar até à realidade o ideal da Democracia.

Importa ter em vista como de decénio para decénio se dá a renovação periódica das ideologias actuantes. Os velhos republicanos não se apresentavam habilitados com argumentos válidos de crítica ao comunismo, e a doutrina comunista, na apologética simplista da sua formulação messiânica, que chamava o proletariado a transformar o mundo, exercia um poder aliciante sobre as tendências mais generosas da mentalidade adolescente. Motivos psicológicos explicam a adopção ingénua de erros lógicos.

«Tudo para todos. Tudo seja de todos. Tudo é de todos». Estes lemas adversos à observação e à experiência do que é próprio, particular ou privado, dirigiam os espírito mais sedentos de acção imediata do que de contemplação prudente, sófica ou

(1) Textos em *O Criacionismo — A Alegria, A Dor e A Graça. A Questão Universitária — S. Francisco de Assis — O Problema da Educação Nacional* — Passim.

sofística. A aliança de todos os trabalhadores dispersos por várias partes do Mundo seria definida em termos de solidariedade, auxílio-mútuo, amor, formas religiosas de vencer o egoísmo latente e patente no individualismo aristocrático, mas fecundo e criador.

O problema da *distribuição* das riquezas produzidas prevalecia sobre os mais, e seria resolvido por violência imediata; mas logo exigiria um momento de reflexão sobre o problema da *produção* pelo trabalho, antecedente lógico na exposição do sistema económico. Não é possível distribuir igualmente, e ao mesmo tempo, *tudo por todos*, ainda quando se corrija a fórmula por um lema concreto: «A cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas possibilidades».

A alma generosa dos adolescentes confrange-se perante o espectáculo hostil da condição social do escravo moderno, condenado a receber um salário insuficiente para aquisição dos bens de primeira necessidade, ou sejam, os referentes à alimentação, ao vestuário, à habitação. Com efeito, recebendo pelo trabalho prestado no campo, na fábrica ou no escritório um salário insuficiente para sustentar um, dois, três, quatro, cinco filhos, o proletário não podia cumprir os deveres que a consciência lhe impunha perante a exigência da prole. Muitas doutrinas humanitárias, religiosas ou utópicas, condenaram a sociedade que legaliza, ou legisla, uma vida infra-humana para as famílias constitutivas da maioria da população.

Karl Marx, autor de *O Capital*, estudou cientificamente a estrutura da economia industrial e política, mas também propôs a tese da mais-valia, segundo a qual o capitalismo não permite pagar ao operário «o valor integral do seu trabalho», medido à hora, porque tal seria a ruína da empresa económica. A entidade capital ou patronal há-de reter,

ÍNDICE

MEMÓRIAS DE UM LETRADO

Livro Quinto — <i>Vida Política</i>	9
---	---

COLECTANEA DE ARTIGOS

Para a Escola Formal	77
Ensino Superior, Ensino Soberano	87
Revolução Universitária	91
Filosofia e Política	97